

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUCÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura da idade media, (continuação) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	Pag. 63
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Epigraphia — (continuação) pelo sr. FRANCISCO MARTINS SARMENTO.....	» 69
A argola encontrada em Penella — (carta de mr. G. DE COUGNY).....	» 70
Evora-Romana — O museu Cenaculo — pelo sr. GABRIEL PEREIRA.....	» 73
A sala da Bibliotheca da Universidade de Coimbra (estampa n.º 49) — pelo sr. J. DA SILVA.....	» 77
Chronica.....	» 78
Noticiario.....	» 79
Necrologia — AUGUSTO FILIPPE SIMÕES.....	» 79

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

(Continuado do numero antecedente)

É pelas epochas que se determinam os differentes caracteres da architectura da idade media, e não pelas *Ordens*, como se faz na architectura antiga ou classica. Cada epocha tem a sua physionomia particular que se reconhece pelo estudo um pouco applicado.

A classificação chronologica adoptada pelos archeologos, é aquella na qual as grandes divisões se chamam *Periodos* e as sub-divisões são designadas por *Epochas*.

Portanto teremos :

1.º PERIODO

Desde o estabelecimento do christianismo até o XI seculo.
 { ESTYLO LATINO ; imitação mais ou menos imperfeita da architectura antiga.
 { ESTYLO BYZANTINO: creado em Constantinopla no VI seculo.

Epochas
 { Quando a influencia da arte romana quer só prevalecer, posto que ella a altere muito.
 { Quando a emigração dos artistas gregos principia a fazer sobresahir algumas luzes da arte de Riente.

2.º PERIODO — Estylo Romão

Epochas { XI e XII seculos
 { Quando a arte transformada toma um caracter que lhe é proprio, posto que formada da mistura da arte antiga e da arte néo grega.
 { Quando as influencias orientaes dão á arte uma nova dilatação.

3.º PERIODO

Do final do XII seculo até o final do XIII.
 { Do principio do XIII seculo com o fim da epocha romã até a perfeição d'este novo estylo OGIVAL, ou, como geralmente se chama, gothico, ainda que sem nenhum fundamento.

As epochas formam-se constantemente do meiado de um seculo ao meiado do seculo seguinte. E' principalmente pelo feitio do capitel, da janella, do pilar, pelo estylo, ou natureza dos ornamentos que ellas se caracterisam.

Para se comprehender melhor a primeira epocha da architectura religiosa, será necessario estudarmos primeiro, qual era a disposição e caracter das basilicas de Roma, esses antigos edificios, que foram, depois das peregrinações dos imperadores contra os christãos, escolhidos para o culto catholico, e sobre o modelo dos quaes se construíram em se-

guida os primeiros templos religiosos em Italia e nos paizes da raça Latina.

No iv seculo, a architectura estava em decadencia. As construcções christãs que se fizeram a começar d'esta epoca mostram até que ponto o bom gosto dos artistas havia degenerado. Os excellentes principios que tinham contribuido para a gloria das escolas da Grecia e de Roma estavam esquecidos e desprezados. Tudo que executavam, tinha grande riqueza, porém cousa alguma era verdadeiramente bella. Arrancavam-se os materiaes aos edificios antigos para edificar os novos monumentos, accumulando-os com incrível incoherencia.

As Ordens foram alteradas nas suas proporções; as esculpturas eram pesadas e executadas com dureza; o pedestal das columnas tinha fórma rustica; os perfis das molduras mesquinhos e sem nenhuma graça; os ornatos foram prodigalisados a esmo. Collocavam sem motivo muitos renques de columnas uns sobre os outros, interrompiam-se os entablamentos, cortando-os por arcos; privavam os frontões da sua base, e faziam recair directamente as arcadas sobre o abaco dos capiteis. Ainda peor era empregar-se os arcos sem terem archivoltas, e assentavam-se no mesmo peristylo columnas de grossuras e ordens diferentes! Tudo isto dava a conhecer que a architectura estava em lucta com as innovações, tentando desembaraçar-se das tradições do passado; procurava ao acaso as combinações apropriadas ás necessidades de um culto novo, de uma sociedade moralmente transformada, porém da qual a fórma externa era ainda toda pagã.

Multidão de barbaros invadem todas as provincias do imperio; os Godos se estabelecem na Germania, os Frankos com os Burguinhões nas Gallias; os Alanos em Hespanha, e os Vandalos na Africa.

Compreende-se que no meio d'estes tristes acontecimentos a architectura não podia nem ser muito florescente, nem adquirir novas forças. Foi preciso chegar ao iv seculo para se ver levantarem-se numerosos monumentos christãos em todo o imperio romano; todavia essas construcções foram feitas com tanta precipitação e por architectos inhabeis, que tiveram pouca duração, e o imperador Theodoro, na era de 372, determinou que se reedificassem.

Havia em Roma um genero de construcção cujas fórmas e disposição pareciam muito apropriadas ao culto do christianismo, e que, pelo seu primitivo destino, não tinha nada de hostile ás idéas novas; as antigas *basilicas* dos romanos. Estes edificios não apresentavam, fazendo excepção ás columnas antigas que os ornava, nenhuma moldura, em parte alguma que sobresahisse, e se destacasse da sua superficie plana e perpendicular; não apresentavam por cima de suas paredes lizas, mais do que o ma-

deiramento transversal do seu tecto, o qual formava o telhado: assemelhando-se aos grandiosos celleiros que tinham sido edificados com sumptuosos materiaes; mas a simplicidade de suas fórmas, e não estarem maculados por sacrificios dos idolatras, além da sua magnificencia e harmonia de todas as suas partes constitutivas, davam a estes edificios uma apparencia magestosa que debalde nós procuraremos na architectura a mais complicada das igrejas modernas. Todavia sob o ponto de vista architectonico, estes edificios pertencem inteiramente á decadencia da arte.

A porta interna da basilica de S. João de Latram em Roma, dá uma idéa perfeita da disposição relativa das arcadas, janellas e do feitio de tecto como foram edificadas as outras basilicas.

As basilicas eram vastos edificios onde os magistrados romanos julgavam as causas, e serviam tambem para as reuniões commerciaes ou litterarias. A forma que geralmente se lhes dava era a de um rectangulo. Quasi sempre a basilica tinha a sua entrada por um vestibulo formado por uma columnata, sendo o fundo limitado por um hemicyclo abobadado em forma de quarto de esfera ao que se chamava — *abside*. O interior do edificio estava dividido por columnas em tres partes no comprimento da basilica, as quaes se chamavam naves; a do meio era mais larga e mais alta que as outras duas. Por cima das naves menos elevadas havia galerias abertas para a nave central. As diferentes naves ficavam separadas da *abside* por um espaço, sem ter n'elle cousa alguma, chamado *transsepte*. Dos dois lados da *abside*, havia duas casas onde se guardavam os archivos. Era n'esse ponto central que o bispo e os outros ecclesiasticos tomavam o logar do antigo juiz e dos seus accessores; o altar ficava collocado entre a *abside* e o *transsepte*, posto em cima das reliquias de algum martyr. As casas destinadas antes para arquivo, vieram a servir de sacristias. O povo occupava as galerias, ficando separadas as diferentes classes, como havia sido a pratica nas catacumbas, desde a epoca das perseguições pelos romanos. Os penitentes não passavam do vestibulo, o qual era fechado por cortinas. A parte das naves mais proximas da entrada, servia para estarem os catéchumenos, as pessoas que se instruiam na doutrina, ficando o sexo masculino do lado do Evangelho, e o sexo feminino do lado da Epistola; na frente d'elles era o logar reservado para os fieis, ficando os sexos separados pela mesma maneira, sendo o *transsepte* occupado unicamente pelas pessoas mais notaveis. Os cantores, desde que a *abside* se estendeu mais, tomaram logar por detraz do altar, os quaes tinham occupado

antes uma parte bastante consideravel na nave principal. Na frente do altar estavam as cadeiras onde oravam antigamente os advogados, vindo a ser depois os logares para os pulpitos, destinados um para se cantar a Epistola, e o outro o Evangelho; sobre este ultimo é que se punha o tocheiro Pascal. Para limitar a nave principal, antes de chegar ao *transsepte*, havia uma arcada mais ornada chamada o *Arco Triumphal*, e sobre a qual a maior parte das vezes se representava com brilhantes decorações a resurreição do Salvador. As basilicas mais importantes eram precedidas de um recinto quadrado, nos lados do qual se repetiam os porticos do vestibulo, tendo uma fonte no meio. Muitas vezes, na frente da porta principal se viam dois leões; era junto d'elles que os bispos julgavam as causas. Este uso se conservou até á idade-media, d'onde provém a formula: *Judicium inter leones*. Primitivamente a basilica era limitada por uma unica *abside*; mas passado algum tempo ella comprehendia tres, logo que foi preciso ter maior numero de altares. Durante muitos seculos nas *absides* não havia janellas, e quasi ao principio d'estas construcções, os lados do *transsepte* se alongavam de maneira a formar com o resto da basilica a imagem da cruz do Redemptor, e então ficou designada pelo nome de *cruzeiro*.

As construcções das egrejas latinas podem-se reduzir a tres typos. Tres portas dão entrada para um vestibulo interno; a planta é dividida em tres partes por dois renques de columnas, Por cima do vestibulo e das naves lateraes ha uma galeria destinada para o sexo feminino. A começar do v seculo, levantaram-se em Roma basilicas de uma grande extensão, como é a de S. Paulo *fóra dos muros*. N'estes edificios já não apparece o vestibulo interno, pois que então fazia parte da fachada, a qual era precedida de um atrio. O interior d'essa basilica está dividido em cinco partes pelos renques de columnas. As tribunas tambem foram supprimidas. Uma parede igual á da fachada foi levantada diante do santuario, está aberto n'ella o *Arco Triumphal*, fecha com os seus lados as naves lateraes e vem formar uma nave transversal, tendo na planta a configuração de um T maiusculo. O todo da igreja tem a forma de um parallelogrammo sobre o comprido, sendo limitada uma das suas extremidades por um espaço semi-circular: o piso compõe-se de um xadrez de marmore de côres. E' esta igreja a mais antiga, e um dos mais bellos edificios da Roma christã.

A decoração interna consistia em collocarem as columnas sobrepostas, com arcadas assentes immediatamente sobre essas columnas; pois que se houvesse um entablamento posto no intermedio das arcadas e das columnas lhe teria dado

altura de mais; bastava sómente o capitel para formar essa separação. Muitas vezes um entablamento mais ou menos completo, ou uma simples cornija com môdilhões formava a beira do telhado.

Na mesma columnata appareciam columnas e capiteis de differentes Ordens, como existe em S. Jorge de Valabre em Roma, onde se vê de um lado a corinthia, e do outro a jonica; ou então as columnas eram alternadas, como apparece em S. Clemente da mesma cidade, onde se nota haver uma columna jonica ao lado de uma corinthia.

Estas irregularidades provinham de se ir buscar uma grande parte dos materiaes aos templos pagãos que demoliam para esse fim: então já não havia o escrupulo de se servirem dos mesmos adornos que tinham pertencido aos idolos, ou porque a fê estava bastante robustecida e era geral, ou porque achavam as obras d'arte dos idolatras mais dignas de figurar no santuario do verdadeiro Deus.

Sobre as naves das basilicas já indicámos que o madeiramento ficava aparente, porém coberto de esculptura ou pintado com cores vivas, ou então era encoberto por um tecto dividido em caixotões com ornamentos pintados, como se havia imitado na antiga igreja de Marvilla em Santarem, mas que o vandalismo destruiu em 1838! Todavia a principal decoração das basilicas consistia mais nos mosaicos e nas pinturas. Muitas vezes eram as pinturas executadas sobre fundo de ouro, como se ornavam as *absides*.

Havia mosaicos formados por duas maneiras: uns com marmorez os mais preciosos e os mais brilhantes eram cortados em pequenos cubos, offerecendo todos os effeitos que elles possuíam da natureza, como se vê na capella de S. João Baptista em S. Roque; empregando actualmente os mosaistas em Roma 35:000 côres differentes para esse fim; ou então serviam-se de mosaicos ornamentados, formados por lages de marmores cortados em figuras geometricas, para comporem o pavimento das basilicas; como se imitou na igreja de Mafra e da Estrella.

Na fachada, a parte superior formava uma empena moldurada, indicando a inclinação do telhado; no meio d'ella havia uma janella circular chamada *Oculus Christi*, o que deu origem aos bellos espelhos construidos no XIII seculo.

Algumas vezes faziam, de cada lado, duas outras janellas, ou então, por cima do oculo, tres ou mesmo seis janellas. Na parte inferior a porta principal estava em algumas basilicas acompanhada de outras portas, que davam entrada para as naves lateraes. Por cima da porta do centro representavam a imagem de N. S. no esplendor de uma Gloria, impropriamente chamada — *venica-piscis* —

como recordação do peixe, do qual a representação serviu de symbolo durante as perseguições dos christãos, para lhes lembrar a ideia do Redemptor, pois que o nome d'este symbolo era derivado da palavra grega, que significava — peixe —, da qual as lettras que a designavam, dão as iniciaes para compôr as palavras *Jesus-Christo-Filho-Deus-Redemptor*. Sobre os lados do edificio apparecem dois telhados cobertos de telhas de barro, dispostas como usavam os gregos. Algumas vezes as telhas eram substituidas por lages de marmore, ou laminas de bronze dourado. As janellas mostravam o aparelho de tijolo alternado. Em lugar de vidros, usavam lages, tendo abertos buracos estreitos tapados com outros marmores transparentes.

Examinando-se a planta da basilica de S. Clemente, posto que não seja a igreja mais antiga, pois data do v seculo, nota-se que conservou melhor que nenhuma outra as distribuições que acabamos de descrever. A porta principal é ornada de columnas, dando entrada para um atrio, o qual é rodeado de porticos; o lado encostado á basilica fórma o vestibulo. É provavel que este vestibulo dêsse entrada para a basilica por tres portas abertas nos eixos das naves, e que as portas lateraes fossem tapadas quando a separação dos sexos não era já obrigativa, e em uma epoca em que seria necessario haver mais altares, occupando dois d'elles os logares d'essas antigas portas. Nota-se aqui uma particularidade muito singular, de ser a nave do Evangelho muito mais estreita do que a do lado opposto; por ventura concorreria menos o sexo masculino aos actos religiosos? Seja o que fôr, é este o unico exemplo d'esta disposição! O altar é coberto por uma pequena cupula, e está inteiramente isolado e collocado adiante do hemi-cyclo, ao fundo do qual está posta a cadeira do bispo. O côro precede o altar e occupa uma grande parte da nave principal, estando fechado por uma separação de marmore, onde ha os dois pulpitos que já mencionámos: as sacristias eram fechadas por cortinas.

Esta basilica não tem galerias sobrepostas, como a de Santa Ignez; as janellas por onde recebe luz estão abertas logo por cima das arcadas. Cada renque de columnas é dividido em duas partes sobre o comprimento por um largo pilar de fórma rectangular; disposição esta que parece ter sido feita para ficar mais distincta a separação das diversas classes dos fieis!

As columnas de S. Clemente são de ordem jonica, e estão alternativamente postas, sendo os fustes, uns com estrias e outros lisos.

A separação do côro é obra do ix seculo, posto que seguissem a primitiva disposição n'essa con-

strucção. Um magnifico mosaico occupa todo o desenvolvimento da *abside*; porém é menos antigo que a separação do côro, pertence ao xiii seculo.

Mas a mais notavel das basilicas christãs é a de S. Paulo fóra dos muros em Roma. Este grande monumento não tem menos de 63,^m 23 de largo por dentro, sobre 125,^m 78 de comprimento até ao fundo da *abside*: a nave principal tem 24 metros de largura, por 89, 87 de comprimento; as columnas que dividem as naves são no numero de 80, e de precioso marmore.

Foi n'esta basilica que teve logar a origem da forma symbolica da cruz no plano da igreja, seguindo-se depois esta configuração na maior parte dos outros templos.

A basilica de S. Paulo data do fim do iv seculo, porém foi incendiada em 1823, sendo pouco tempo depois construida conforme a sua primitiva disposição.

As columnas estão reunidas por arcadas; as do segundo renque menos altas que as da nave; os lados cobertos simplesmente por um alpendre; a segunda ordem da galeria foi substituida por uma parede, no cimo da qual collocaram as janellas.

Retratos dos pontifices, e scenas tiradas do Antigo e Novo Testamento, ornaram os espaços entre as arcadas e as janellas. O madeiramento apparente dá-lhe um aspecto de simplicidade, que contribue para fazer sobresahir o magestoso effeito d'esta grandiosa edificação.

Esta basilica estava precedida de um espaçoso atrio de forma quadrada, cujos porticos eram sustentados por 40 columnas reunidas por um entablamento. A fachada subiu a grande altura por cima d'este portico, apparecendo decorado por duas ordens de janellas em numero de 3 por andar; um magnifico mosaico completava a fachada.

Disposições analogas foram adoptadas nos outros paizes pertencentes ao christianismo. A basilica mais veneranda do Oriente, da Natividade em Bethlem, a qual foi edificada sobre o proprio logar que tinha sido santificado pelo berço do Redemptor, deveu-lhe maior desenvolvimento que as outras basilicas construidas em Roma. As naves lateraes são duplas, porém as columnas são todas do mesmo diametro e altura; a architectura d'esta basilica é inteiramente romana, os capiteis das columnas são da ordem corinthia.

Fóra da Italia ha uma basilica na Austria, a de S. Parenzo. Este edificio que pertenceu ao vi seculo, apresenta uma disposição exquisita e interessante como raridade; ella é precedida de um pe-

queno atrio, e na face opposta á basilica este mesmo atrio dá entrada para um baptisterio de fórma octogonal.

Em quanto ao que diz respeito ás fachadas d'estes edificios, eram em geral de grande simplicidade. Quando a basilica estava precedida de um atrio, um telhado em alpendre descancava sobre as columnas, e a empena da nave principal erguia-se para cima, tendo janellas ou um oculo servindo de espelho. Seguiram o opposto ao que se observava nos templos do paganismo, a magnificencia era para a parte interna e não para fóra da basilica. Todavia julgaram depois ser necessario fazer-se alguma decoração no exterior, e então appareceram os mosaicos tambem postos sobre as fachadas principaes. Com elles formaram representações symbolicas, realçadas com o dourado na parede, fazendo o fundo da composição. D'aqui resultava uma brilhante decoração, dando-lhe um character que surprehedia; porém não daria ao edificio esse aspecto monumental que apresentavam as construcções dos templos erguidos na antiguidade.

Passaremos agora rapidamente em revista as construcções bysantinas, as quaes concorreram um pouco para formar o systema de architectura da idade media. Encontraremos um genero de abobadas que não tinham sido conhecidas pelos romanos, formadas por uma cupula espherica, sobre um plano quadrado, e sustidas por triangulos curvilineos, ás quaes deram o nome de *abobadas pendentes*.

Constantino, transferindo a séde do imperio de Roma para Bysancio no anno de 330, deu o seu nome

á nova capital do imperio romano, e quiz que rivalisasse em grandeza e magnificencia com a cidade de Roma: n'este intuito fez edificar 14 palacios para si e seus filhos, muitos arcos de triumpho, 8 banhos publicos e 14 egrejas: enriqueceu Bysancio com obras primas de bellas-artes, esbullhando a Italia, a Grecia e a Asia de preciosidades artisticas.

O impulso que a architectura havia tomado no reinado de Constantino não afrouxou durante muitos seculos. Emquanto o imperio do occidente (Roma), abandonado pelo poder imperial, veiu a ser a preza dos barbaros, estavam as provincias do oriente em um estado prospero e florescente. Theodorico II prezava as artes, cultivava a pintura e a esculptura; protegia os architectos e fez executar obras consideraveis; porém o reinado de Justiniano é a epoca mais brilhante da historia da architectura neo-grega ou byzantina. Este imperador, possuido de uma verdadeira paixão pela architectura, fez construir em todas as cidades do imperio edificios novos, havendo empregado mais de 500 architectos; portanto merece, como Adrião, ser qualificado, pelos seus contemporaneos, com o faustoso titulo de *reparator-orbis*. Facilmente se comprehenderá que tantos trabalhos emprehendidos em tão pouco tempo, teriam feito nascer uma extraordinaria emulação entre os artistas encarregados de os dirigir, e que a architectura deveria seguir a vereda progressiva que havia encetado desde o reinado de Constantino.

(Continua.)

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

EPIGRAPHIA

(Continuado do 4.º n.º, pag. 58)

VII. — N'um outro marco lêem-se apenas as seguintes letras:

N
VDI
NO
DC

No quarto marco não se lê uma unica letra.

No quinto lê-se muito distinctamente a inscripção que o sr. E. Hübner já publicou,¹ mas dando-a como n'um milliario da estrada entre Lisboa e Braga e deixando entender que ella conterà mais do que o seguinte, que é uma copia fiel:

¹ C. Inscriptinum, II, n.º 4744.

D N
MAGNO
MAGNENTIO
IMPERATORI
AVC
P. F.
B. N. R. P. N.
XXXI.

Esta ultima inscripção tinha-me sido indicada pelo meu amigo Pestana de Vasconcellos, hoje juiz de direito em Paredes de Coura. Quando eu, elle e o sr. dr. Narciso, de Coura, a fomos examinar, descobrimos as inscripções dos outros marcos, mas mal podiam ser lidas, porque uma estava com as letras de pernas ao ar, e os marcos, em que se

entreviam as outras, ficavam quasi de todo embutidos n'uma parede que resguarda do lado do sul o adro, coberto pelo alpendre. Foi preciso isolar os marcos da parede, que os escondia e dar ao marco de letras invertidas a sua posição natural. Este trabalho foi mandado fazer a espensas d'aquelles dous illustres cavalheiros e aproveitou a occasião de reiterar-lhes por isso os meus agradecimentos. Por occupaões que me sobrevieram, não pude eu mesmo ir tirar as copias das inscripções, que ainda não tinha lido, pertencendo a prioridade d'esta leitura ao sr. P. Martins Capella, que as foi estudar com a sua sollicitude habitual, e me deu d'ellas a copia que hoje publico.

VIII. — N'uma pedra da torre da igreja de Ronfe, concelho de Guimarães :

CELEA
CLOVT;
DEO D
VRBED
ICOEXV
OTO A..

Esta importante inscripção foi descoberta quasi ao acaso. Fazendo eu algumas perguntas a Joaquim Machado, hoje fallecido, ácerca d'algumas antigualhas da sua freguezia, veio a proposito dizer-me elle que n'uma pedra da torre da igreja havia uma ou duas letras: Eu copiei sem a menor hesitação todas as letras que hoje publico.

Tenho a pedra em meu poder e vê-se claramente que era uma pequena ára, a que foram aparradas as molduras, para poder entrar facilmente na construcção da parede. Felizmente ficou com as letras para fóra, bem que ao travez, o que prova que nunca ninguem deu valor á pedra e ao que ella podia dizer.

O achado da inscripção foi feito em dezembro de 1881.

IX.—No logar do Freixo, perto do Marco de Canavezes :

I N̄ VICTO
AVG. P. M.
TRI. P. P. P.

A inscripção está truncada, como se vê. Encontra-se n'uma pedra cylindrica, como o geral dos marcos milliaris e parece não ser outra cousa, bem que uma via romana pelo Freixo não ache documentos escriptos que a abonem.

A pedra entrava na construcção d'uma pequena casa e foi mandada tirar d'alli pelo meu amigo José Maria de Queiroz, de Marco de Canavezes, porque sem isso mal podia ser lida. Existe actualmente perto da igreja do Freixo e de balde tem sido procurado o outro fragmento.

X. — No Freixo :

ENIO
ONCOBRI¹
CENSIVM

(Continua).

O socio effectivo
FRANCISCO MARTINS SARMENTO.

ERRATA

Na pag. 59, lin. 10.^a, do n.^o 4, onde se lê : IVENT—
deve lêr-se : IVVENT.

A ARGOLA ENCONTRADA EM PENELLA

(Carta de mr. G. de Cougny)

Tendo nós consultado os mais distinctos archeologos estrangeiros ácerca do achado rarissimo da argola de ouro, para se dar conhecimento á Europa d'este precioso objecto archeologico como tambem para colher a opinião d'esses illustrados sabios sobre a origem e applicação d'esta joia archeologica, o nosso insigne consocio o sr. De Cougny respondeu ao nosso pedido. As suas considerações historicas e scientificas teem tão superior consideração, que julgámos seria muito util dar-lhes publicidade n'este numero do Boletim.

POSSIDONIO DA SILVA.

Château de la Grille, 28 janvier 1884.

Monsieur et très honoré collègue,

Vous avez eu l'obligeance de m'adresser le Bulletin de la société royale des archéologues Portugais, contenant le dessin et la description du cercle d'or massif découvert récemment dans la province d'Extramadura, et vous me faites l'honneur de me demander mon opinion sur l'origine de ce bijou, et sur l'usage au quel il aurait été destiné.

Pour répondre à votre désir, je vais essayer de chercher la solution du problème archéologique que vous me proposez et que bien mieux que moi vous êtes à même de résoudre.

Aux deux questions spécifiées dans votre lettre, vous me permettrez d'en joindre deux autres qui me semblent en être le corollaire, et que je formulerai ainsi : étant donné, comme vous l'avez démontré dans votre *explication*, que ce bijou n'avait pu avoir d'autre destination que de parer la statue d'une divinité, à quelle époque le cercle d'or de Penella pourrait-il être attribué ?

Dans votre savante *explication*, monsieur et ami, vous avez prouvé, que le bijou dont nous nous occupons, diffère sous maints rapports des objets de

¹ Na inscripção original estão ligadas as letras BRI da segunda linha e as letras VM da terceira.

parure analogues recueillis en Danemarck, en Suisse, en France, et en général dans la partie centrale de l'ouest de l'Europe, et qu'on ne saurait par conséquent lui attribuer la même origine.

Force nous est donc de porter nos regards ailleurs et d'en chercher la provenance dans une autre région et dans le domaine d'une civilisation autre que celle à laquelle je donnerai le nom de civilisation Indo-Européenne.

Cette région, monsieur et ami, l'antique histoire de votre pays nous l'indique, nous la montre du doigt, je pourrais dire ; c'est l'Orient, ce sont les rivages lointains habités par les Phéniciens ; par le peuple habile, industrieux, entreprenant, chez qui les arts en général, et en particulier celui de la métallurgie avaient acquis droit de cité dès les âges les plus reculés. Les Phéniciens, vous le savez, ont eu pendant une longue suite de siècles le monopole du trafic dans le bassin de la Méditerranée, et ils en ont occupé en maîtres la majeure partie de l'Ibérie, depuis le XII^{ème} jusqu'au V^{ème} siècle avant notre ère. A qui donc, sinon à eux et mieux qu'à eux, pourrions nous attribuer l'importation de votre riche et précieux joyau dans le pays où un heureux hasard vient de le faire découvrir ?

Je dis l'importation, veuillez bien le noter, parce qu'il me semble difficile de savoir d'une manière positive si le bijou a été fabriqué par les artisans de Tyr, de Sidon, de Byblos, ou bien s'il provient de l'Égypte, avec laquelle les trafiquants du littoral cananéen entretenaient des rapports commerciaux si fréquents, à partir de l'époque de la XVII^{ème} dynastie ; c'est à dire, quinze à seize siècles avant l'ère chrétienne.

Si l'on étudie les objets de parure Égyptiens, bracelets, colliers, on retrouve partout reproduits les chevrons, les losanges, les dents de scie, qui forment l'ornementation de votre cercle d'or, ainsi que les ciselures quadrillées que vous signalez dans votre explication. Ces mêmes motifs géométriques, on les rencontre prodigués à l'infini, dans les peintures murales, et tout particulièrement dans celles du tombeau de Phtah-thotep, reproduites dans le troisième volume de *l'Histoire de l'art dans l'antiquité*, par M. Perrat Chipiel.

De ces similitudes dans l'ornementation, on serait, ce semble, autorisé à conclure que votre cercle d'or ciselé provient des fabriques Égyptiennes. Il en serait ainsi assurément, si d'autre part on ne savait que les Phéniciens ont été de tout temps de très habiles plagiaires, et que les artisans de ce pays ont fréquemment mis à contribution les thèmes décoratifs qui leurs étaient fournis par l'Égypte et par la Chaldée : de telle façon que les auteurs cités plus haut ont pu dire avec juste raison ce que l'art Phénicienne est une contrefaçon de l'art Égyptienne.

Cet état de choses étant connu, je serais, quant à moi, et malgré la réserve formulée tout à l'heure, je serais très porté à croire que le bijou de Penella a été non seulement importé en Ibérie par les Phéniciens, mais encore qu'il a été fabriqué par eux. Je dirai plus ; la forme insolite de ce bijou, son système tout particulier de fermeture, me donneraient à supposer qu'il a été façonné en vue d'une destination spéciale et déterminée : ce qu'on appelle fait sur commande et sur mesure.

Voici, monsieur et ami, ma réponse à la première question que vous m'avez posée, et dont j'ai entrepris témérairement peut-être de chercher la solution.

J'aborde maintenant le second point de ce problème archéologique : quelle était la destination de votre cercle d'or ?

Avec votre clairvoyance et votre sagacité habituelles, vous avez reconnu de prime abord et démontré que, supposé que ce bijou dût être considéré comme un collier, il n'avait pu être destiné à l'usage d'une personne vivante, ou, pour mieux dire, à un être de chair et d'os. Pour cela, vous vous appuyez sur une double considération :

Premièrement sur le peu de largeur de l'ouverture ménagée dans la paroi du cercle et qui ne permettait pas d'y introduire le cou, et en second lieu sur le poids considérable de ce joyau dont les arêtes vives eussent blessé et déchiré la peau de celui ou de celle qui s'en seraient parés. A ces observations si justes et si concluantes, j'ajouterai une remarque qui me vient à l'instant à l'esprit : c'est que le système de fermeture de ce bijou implique nécessairement une immobilité complète de la part de celui qui le portait : la marche, le mouvement, pouvant, en raison surtout de la pesanteur de la partie antérieure, faire sortir le petit tenon de l'entaille où il était engagé, et amener ainsi la chute et la perte peut-être de ce précieux joyau. C'est donc avec toute raison, monsieur et ami, que vous avez constaté que cet objet de parure ne pouvait convenir qu'à la statue d'une divinité ; statue dont les proportions auraient été en rapport avec la largeur de l'ouverture : c'est à dire, ce me semble, d'un tiers à-peu-près moindre que nature.

Votre judicieuse appréciation est complètement fondée, monsieur et ami, et elle me paraît hors de conteste, si l'on considère votre cercle d'or comme un collier.

Dans le cas où l'on voudrait y voir un bracelet, je proposerais l'explication suivante, basée également sur la dimension de ce cercle et sur le mode de fermeture que nous y voyons appliqué. Cette explication reposerait non plus sur les enseignements de l'archéologie ; mais sur ceux que nous fournissent les annales de votre pays.

Dans la dernière lettre que j'ai eu l'honneur de vous écrire au sujet de votre hache de bronze, nous avons vu les phéniciens envahir l'Ibérie et en occuper la région méridionale au XII^{me} siècle avant notre ère. En même temps qu'ils importaient dans la péninsule leurs arts, leur civilisation, leur industrie métallurgique et leur alphabet peut-être, ces hardis navigateurs ne manquèrent pas, comme ils le faisaient toujours en semblable occurrence, d'y introduire le culte de leurs divinités nationales, et en particulier de leur grand Dieu Melk-arth. En reconnaissance de la protection que celui-ci leur avait prêtée, dans la conquête de l'Ibérie, ils lui érigèrent, nous dit Strabon, un temple dans la partie orientale de l'île où était située la ville de Gadeira.

Ce temple construit, comment les fils opulents de la reine des mers n'auraient-ils pas songé à offrir les parures les plus riches, les présents les plus somptueux au dieu puissant et secourable qui avait pour eux affronté de si grands périls, en luttant contre Kressaor, fils de Gerzon, et en lui enlevant ses bœufs mythiques? Les Phéniciens avaient vu les divinités Égyptiennes parées de magnifiques bracelets. Imitant ce qu'ils avaient vu sur les rives du Nil, les conquérants de l'Ibérie n'auraient-ils pas, à un jour donné, fait fabriquer pour leur grand Melk-arth le cercle d'or dont nous cherchons aujourd'hui l'origine, et qui serait un des bracelets que portaient au dessus du coude les princes et les dieux d'Égypte?

La largeur inaccoutumée de ce bracelet, ses proportions massives, s'expliqueraient alors par les formes robustes et musculeuses de l'Hercule Syrien. Cette attribution que je présente ici sous toutes réserves, nous donnerait en même temps l'explication de l'ouverture insolite ménagée dans la partie postérieure du cercle de Penella.

Les mains du dieu étant munies de ses attributs symboliques, comme le furent celles de ses congénères Grecs et Romains, il devenait impossible, vu l'épaisseur et la rigidité du métal, il devenait impossible d'introduire le bracelet dans le bras, en le faisant passer par le poignet, comme on le pratiquait d'ordinaire. Pour parer à cette difficulté, l'ingénieur joaillier à qui avait été confiée la fabrication de ce joyau, avait alors imaginé ce système d'ouverture qui, laissant un passage au bras, dans la partie méplate qui surmonte la paume de la main, permettait de faire remonter ensuite le bracelet à la place qu'il devait occuper.

Je vous transmets cette explication, monsieur et ami, parce qu'elle m'a paru offrir quelque vraisemblance, et mériter d'être prise en certaine considération. Ce n'est pas une solution incontestable, je le reconnais en toute sincérité.

Obligé de m'aventurer dans le domaine péril-

leux des hypothèses, j'ai cru pouvoir vous présenter celle-ci, pour vous prouver combien j'ai à cœur de répondre au bienveillant appel que vous m'avez fait l'honneur de m'adresser.

En ce qui concerne l'opinion que je viens d'émettre d'une manière dubitative et qui consisterait à voir un bracelet dans le cercle d'or de Penella, j'en trouverais une sorte de confirmation dans un bijou provenant d'un pays avec lequel les Phéniciens ont eu de nombreuses relations commerciales.

On voit au musée du Louvre à Paris, et on trouve reproduit dans le 2^{me} volume de *l'Histoire de l'art dans l'antiquité*, un bracelet de bronze massif qui offre avec votre cercle d'or une frappante analogie. Le cylindre métallique dont est formé ce bijou est fort épais et partout d'une égale grosseur. L'extrémité de l'orbe, terminée de chaque côté par une tête de dragon, laisse entre les deux têtes affrontées une ouverture semblable à celle de votre cercle; à cette différence près qu'elle est dépourvue de la fermeture qui donne à ce dernier un caractère tout particulier, et unique je le crois jusqu'ici. Une autre différence à noter encore, c'est que la surface de ce bracelet est complètement lisse et sans ornement aucun. Ce bijou, j'ai oublié de vous le dire, a été découvert en Mésopotamie et décrit par Mr. de Longperrier dans sa notice sur les antiquités assyriennes.

Malgré les dissemblances que je viens de signaler, on ne saurait méconnaître entre le joyau assyrien et celui de l'Ibérie une physionomie de famille incontestable, et qui donnerait à supposer que le type de ce dernier a été par les Phéniciens emprunté à l'Assyrie, et son système de décoration à l'Égypte.

Quant à l'âge présumé de votre cercle d'or, bracelet ou collier, son ornementation archaïque semblerait annoncer qu'il date d'une époque peu éloignée de l'occupation de l'Ibérie par les colonies, provenues dans le littoral cananéen; s'il était destiné, comme je le suppose, à une divinité masculine, cette divinité ne pouvait être que Melk-arth. S'il appartient à la statue d'une déesse, on pourrait sans trop d'in vraisemblance l'attribuer à Astarté, la Venus Phénicienne.

En rappelant la construction du temple d'Hercule de Gadeira, je n'ai pas prétendu en conclure d'une manière formelle que le bijou du roi Don Ferdinand provienne de ce temple, bien que je suis porté à le penser. Il se pourrait très bien qu'il eut été enlevé à un autre sacraire Phénicien, dont l'histoire n'a pas conservé le souvenir, et caché dans le lieu où il a été découvert dernièrement.

Comme vous me le dites avec juste raison, monsieur et ami, c'est un véritable honneur pour le Portugal d'avoir fourni aux études archéologiques un objet d'art aussi rare et aussi plein d'intérêt.

Celui est aussi un grand honneur d'avoir trouvé dans un Prince de la Maison Royale un si louable dévouement à la science, et le généreux désintéressement qui lui a fait acquérir ce trésor archéologique, pour le conserver dans le royaume où il a été découvert.

Je ne veux pas quitter la plume sans vous féliciter tout spécialement, d'avoir par vos démarches et par votre influence personnelle auprès du roi Don Ferdinand, obtenu l'heureux résultat que je viens de constater. Recevez en, monsieur et cher collègue, mes bien sincères compliments, en même temps que l'assurance de mon bien affectueux dévouement.

G. DE COUGNY.

EVORA-ROMANA

AS LAPIDES ROMANAS — O MUSEU-CENACULO

1

D. S. TVRVBRICI
L. V. . ONIVS
V. S.

2

I. O. M.
IN MEMORIAM
L. ATIL. MAXIMI
SEVERIANI. FIL.
PIENTISSIMI
L. ATIL. ATILIANVS
ET. ARTVLLIA
C. F. SEVERA. EX
.... SENTI. LIB.
... POSVERVNT.

3

IOVI. O. M.
FLAVIA L. F. RVFINA
EMERITENSIS. FLA
MINICA. PROVINC.
LVSITANIAE. ITEM. COL
EMERITENSIS. PERPET.
ET. MVNICIPI. SALACIEN
D. D.

4

D. M. S.
L. I. POLIBIVS
ANN. LXXII
H. S. E. S. T. T. L.

5

D. M. S.
MERCATOR
ANN. XXXII
VXOR. MARITO
MERENTI POSVIT
H. S. E. S. T. T. L.

6

LYRIAE. T. F. BOVTIAE
C. IVLIVS. I. F. GAL. SEVERVS
VXORI. SIBI. SVISQUE. F. C.

7

MANILIA. C.
ETVSCA. H. S. E.
TERENTIA. M. F. TERTVLIA
MATER. F. C.

8

D. M. S.
L. F. ELICON
AN. LXXXV
H. S. E. S. T. T. L.
PO. PIALEI
MARITO. P. F. C.

9

D. M.
MARTIALI
SECVNDINA
SOROR. F. C.

10

D. M.
CAECILIO. P. F.
HERMETIANO
V. A. II. M. XI. D. XVII
P. CAECILIVS
SILICIANVS. FRATER. ATIVS V. A. VII. M. IIII. D. VI

HERMES
PATER. FECIT.

11

Q. POMPEIVS
.... VARI. LIB.
... VSTVS

12

D. M.
MVMIVS. CR
SIMVS. AN
XVI
MVMIA
FVNDANA
LIBERTO. M..
RENTI. PO ...
H. S. E. S. T. T. L.

13

D. M. S.
SILVANVS. ATIL
PRISCILLAE
VIXIT ANN XXXX
ATILIVS CHRESINV
BENEMERENT. NACI
A III S L. S II I II

14

T. CALLEVS
MARCIVS
AN. XX. H. S. E. S. T. T. L.
CAS. MARCELLA
SOBRINA. F. C.
ITEM. AMICI
VEMESIACI
EXLAPIDESNI
(na base) EMESIACI

15

D. M. S.
L. FABIVS. VA
LERIANVS
ANN. LVIII.
IVL. ALEXANDRI
NA. MARIT. PIEN
TISSIMO. FECIT.
H. S. EST. S. T. T. L.

16

DIS. MANIB.
L. COMINI.
EXPECTATI
IVSTVS
ET AVGVSTANVS CVM
COMINIA
MATRE
PATRI. OPTIMO

17

L.
EBOR. PL.
SEPVLT.
T. CALL.

18

D. M. S.
M. L. FILIA. CV
PITA. ANN XXXXIII
Q. L. N. MARITE. ET
ANTONIA. FVNDANA
ET MVMIA RVFINA
FILIAS. MATRI. PI
ISSIME. POSVE
RVNT
H. S. E. S. T. L.

19

L. C. GALLO. ANN. L.
H. S. E. S. T. C. VI
TALIS. SOR. ET
M. FVL. CAECI
IANVS SOBRI
vs. C.

20

IVLIA. L. F. MAELA
AN. LV. H. S. EST. S. T.
T. L.

21

IVLIA. RVFL. F.
MVNILLA. H. S.
IVLIA. GALLA
H. S.

22

D.	M.	S.
Q. IVL. MAXIMO. C. V QVESTORI. PROV. SICI LIAE. TRIB. PLEB. LEG PROV. NARBONENS. ... GALLIAE. (prae)T. DES ANN. XLVIII CALPVRNIA SABI NA. MARITO. OPTIMO		Q. IVL. CLARO. I. IIII. VIRO VIARVM. CVRANDARVM ANN. XXI Q. IVL. NEPOTIANO. C. I. IIII. VIRO. VIARVM. CVRAN DARVM. ANN. XX CALP. SABINA. FILIIS.

23

QVIS O PRAET.
SITAM VIATO.
TERMINE LEGERI.
ME AETATIS VICESIM.
DOLEBIS ET SI SENSVS ER.
MEAE QUIETIS O VELASSO.
TIBI DVLCIVS PRECABOR.
VIVAS PLVRIBVS ET DIV.
NECAS QVAE MI NO.
I CVRA FRVARE VITA O.
EFLERE IVAT QVI TV IN L.
IIS ANN INACHV3 HAEC MA.
TO FAC I POTIVS PROPERA IM...
SEGIS IPSE LEGERIS I NICEA XXV.

24

MANILIA. M. F.
MAXVMA. AN. XII
H. S. E. S. T. T. L.
C. VIBIVS. TANJI
NVS. COGNATAE
SVAE F. C.

25

P. STATVS
P. II B
MERIDIA
NVS. H. S. E.

26

D. M. S.
L. CAE. SI. VS. CAE. SI. A
A. LX. CAE. SI. A. VERNACIA
LI. BER. TA. F. C.
H. S. EST. T. L.

27

.....
VERNACVL...
L. P.

28

D. M. S.
ASINIVS
FLORENTIN
VS. ANNO. XXXV
H. S. E. S. T. T. L.

29

D. M. S.
CLARINO A
III M S S

30

D. M.
CANIDIAE. ALBI
NAE. C. M. F. CON
SOBRINI. SVI. CATI
NIA. M. FILIA. ACI
LIANA. C. S. P. F.

As inscrições lapidares prestam-se a grande variedade de interessantes estudos, são por vezes eloquentíssimos esses caracteres gravados no mármore; a forma das letras pôde dar-nos a data approximada do monumento; temos os nomes proprios e de familia, as variantes orthographicas, as designações de officios e dignidades. A descripção individual das lapides existentes em Evora fórma o — Catalogo do museu-Cenaculo — que temos prompto, e que em breve será publicado; agora vamos simplesmente fazer um estudo geral sobre estas inscrições.

Relacionemos primeiramente os nomes dos individuos; começaremos pelas damas:

Antonia Fundana.
Artulia Severa.
Caesia Vernacia.
Calpurnia Sabina.
Canidia Albina.
Cassia Marcella.
Catinia.
Cominia.
M. Cupita.
Flavia Rufina.
Julia Alexandrina.
Julia Galla.
Julia Maela.
Julia Munilla.
Lucia Boutia.
Manilia Etusca.
Manilia Maxuma.
Mumia Fundana.
Nicea.
Priscilla.
Secundina.
Terentia Tertulia.
Vernacula (?)
C. Vitalis.

Vejamos os nomes masculinos:

Asinius Florentinus.
L. Atilius Atilianus.

Atilius Chresinus.
L. Atilius Maximus Severianus.
Augustanus.
M. Ful. Caecilianus.
Caecilius Hermetianus.
Caecilius Silicianus.
L. Caesius.
T. Calleus Marcianus.
Q. Julius Clarus.
L. Cominius Expectatus.
L. F. Elicon.
Fabius Valerianus.
L. C. Gallus.
Hermes.
J. Gallus Severus.
Justus.
Martialis.
Meridianus.
Mumius Chresimus.
Q. J. Maximus.
Q. J. Nepotianus.
L. V. Nonius.
B. Pialeus.
L. I. Polibius.
Q. Pompeius.
Silvanus.
Vernaculus (?)
Q. Vibius Tancinus.
E os amigos Vemesiaci.

A maioria das lapides eborenses são memorias sepulchraes, 3 são votivas; uma d'estas tem o nome de uma divindade local — D. S. Turubrici —; duas são consagradas a Jupiter. Nas tumulares vemos dedicações entre esposos, entre paes e filhos, irmã ao irmão, sobrinha ao tio, mãe ao marido e filhos, marido e filhas á esposa e mãe, senhora ao seu joven liberto, uma senhora consagra uma lapide a seu tio, ajudada por certos amigos do fallecido; uma liberta ao seu antigo senhor.

Abreviaturas e formulas de piedade são todas conhecidas. Algumas inscrições marcam as edades: Polibio tinha 72, Elicon 85 annos; quando se trata de creanças declaram-se annos, mezes e dias com uma minucia que revela grande ternura; o menino Cecilio Hermeciano tinha 2 annos, 11 mezes e 17 dias.

Algumas referem-se a dois mortos, uma a tres. Mencionam pessoas de todas as posições.

Flavia Rufina era flaminia da Lusitania, do collegio de Merida, e do municipio salaciense.

Os — Vemesiacos — eram *Lapidecinios*.

Q. J. Maximo é o individuo de mais alta posição aqui nomeado; questor da Sicilia, legado da provincia de Narbona, pretor designado na Gallia; os filhos, dois moços fallecidos aos 20 e 21 annos,

eram *curatores viarum*, inspectores das estradas, talvez da estrada de Salacia a Eborá, porque a lapide foi encontrada no sitio da Tourega, onde ha muitos vestigios romanos, sitio por onde passava esta estrada.

Alguns nomes não são vulgares; Luria Boutia, Manilia Etusca, Elicon, Pialeus, Calleus, Cominia, Artulia, Tancinus, Asinius.

Luria e Boutia ou Boudia apparecem em 3 lapides de Hespanha e sul da França, e em uma de Condeixa.

O nome — Maela — parece peculiar na peninsula hispanica, designando localidades e pessoas; recorde-se o celebre geographo Pomponio Mella, que era natural de Mellaria, na Betica. Mello é nome de um povoado no concelho de Gouvêa.

Temos Germello, Palmella, Mellides, etc.

Na inscripção de Armez figura L. J. Maelo, e n'uma de Condeixa — Maela Bobleni.

Do nome — Turubrici . . . — de uma divindade local, ha fórmãs approximadas como Turobriga (inscripções de Merida e Medellin); lembre-se tambem o nome já mencionado — Touregá, de uma localidade visinha de Evora.

Classificando as lapides eborenses pelas localidades, temos 13 de Evora, 8 de Beja e seu termo, 2 do Redondo (herdade da Capella), 1 da Tourega, 1 de Montemór-o-Novo (S. Matheus), 1 de Arraiolos, 1 de Messines, e 1 do Torrão; as duas ultimas são aras ou memórias votivas consagradas a Jupiter.

De duas é incerta a proveniencia.

No termo de Beja ha dois sitios que têm produzido lapides tumulares e outras antigualhas importantes, são as herdades do Paço do Conde e da Represa. Em Montemór-o-Novo conserva-se ainda a formosissima lapide de Calchisia. As lapides 28 e 30, achadas em Evora, no começo do seculo presente, foram levadas para o pateo de Valverde, passal dos Arcebispos, onde ainda estão; a de Asinius (28), talvez por mais exposta á chuva, está illegivel.

Além das inscripções mencionadas temos ainda algumas consideradas falsas, e que por isto não podem servir para base de estudo; na parte d'este trabalho referente ao templo romano indicámos a causa da falsificação.

O museu-Cenaculo foi assim denominado em homenagem ao grande arcebispo de Evora, D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, eminente erudito e archeologo.

Vamos historiar a formação d'este muzeu:

Em Evora, no seculo xvi, André de Resende, o grande antiquario e humanista, reuniu algumas lapides e fragmentos de esculptura, e com essas venerandas reliquias ornou e nobilitou o quintal de sua casa, na rua hoje chamada — do mestre André de Resende.

Estas pedras foram em 1868 cedidas pelo proprietario da casa. Posteriormente a Resende mais algumas pedras se salvaram, avultando porém as encontradas no desentulhamento e arranjo dos arredores do templo romano, e no concerto do largo da Misericordia, para o qual foi preciso cortar uma porção da muralha romana.

As lapides 19 e 20, achadas em 1881 na herdade da Capella, termo da villa do Redondo, vieram, a pedido meu, para a collecção epigraphica.

Estas pedras juntas com as lapides e fragmentos de esculptura que em 1868, por diligencia do sr. A. F. Simões, então bibliothecario em Evora, vieram de Beja, formam agora o museu-Cenaculo, a collecção de epigraphia romana mais opulenta do paiz.

D. fr. Manuel do Cenaculo, entrando na sua diocese de Beja em 1777, tratou com o maior disvelo de salvar e reunir lapides e esculpturas antigas de que ninguem ali fazia caso; reuniu mais de cem objectos, e a essa collecção chamou — Museu Sisenando Cenaculo Pacense.

Em 1802 o insigne erudito, transferido do bispado de Beja para a archidiocese eborense, tencionava trazer tambem todas as suas queridas collecções; as pedras todavia, pelo seu pezo e volume, o transporte sendo então mui difficil, ficaram em Beja. Não posso deixar de fazer aqui umas penosas considerações.

As pedras estiveram depositadas na igreja de S. Sisenando, de Beja; ha uns vinte annos resolveram aproveitar o edificio, o templo estava de ha muito profanado, para uma escola; mudaram as pedras para o collegio dos jesuitas: n'essa transferencia, e pelo descuido e desamor antes e depois d'ella, perderam-se muitas pedras; dos cento e tantos objectos do museu-Sisenando restavam 13 apenas, em 1868. Dizendo melhor, restavam reunidas 13, porque ainda em 1878 vi em Beja alguns monumentos; uma lapide com inscripção latina servia de degrau na entrada da estação telegraphica; ante a porta da estação, formando cunhal n'um pequeno muro, vi uma pedra faciada e de singular lavor, que me não pareceu de arte romana; outra lapide conserva-se na base de uma torre, etc.

A maior perda foi, porém, a das lapides com letreiros de caracteres desconhecidos, dos chamados celtibericos, achadas em Almodovar e Ourique.

Felizmente, da grande maioria dos objectos do museu-Sisenando restam-nos desenhos cuidadosos e dignos de fé n'um *album* que se conserva na Bibliotheca publica de Evora com a marca $\frac{120}{1-14}$. Além d'estes desenhos possui ainda a Bibliotheca na sua opulenta collecção de manuscriptos a — Vida de S. Sisenando — escripta por Cenaculo, onde se en-



5. 2. 7.

7

contram muitas referencias ás antiguidades do districto de Beja.

O socio

GABRIEL PEREIRA.

A sala da Bibliotheca da Universidade de Coimbra

(ESTAMPA N.º 49)

Requer-se para uma casa de livraria que tenha espaço amplo, grande pé direito, bastante claridade, não seja humida, de temperatura mais fria que quente; portanto todas as que possuirem estas condições serão adequadas para a sua destinação; sendo por este modo, que se tem construido nos principaes paizes da Europa: mas tambem foram construidas outras com magnificencia, gosto e commodidade para os leitores, não sendo pois contrario para o uso a que são destinadas essas decorações vistosas, pinturas brilhantes, mobilia escolhida e de valor.

Portugal possuiue duas grandiosas bibliothecas, que pelas suas extraordinarias dimensões, riqueza dos materiaes em que foram igualmente attendidas as condições necessarias que ficam apontadas merecem considerar-se como as melhores do reino, e mesmo comparadas a algumas de outras nações civilizadas, taes são a do palacio real de Mafra e a do extincto convento de Alcobaça; porém, ainda que apresente a de Mafra, obras de boa talha, bellos estuques, ornamentação em relevo, marmores escolhidos de diversas côres, xadrez bem malizado de marmore, sem fallarmos da valia e do avultado numero de seus livros, merecendo admiração dos nacionaes e dos estranhos; assim como a de Alcobaça, ainda que, erma de suas estantes e das suas preciosas obras, tambem foi construida com bons estuques polidos e pinturas a fresco, ornatos em relevo, escadas de marmore, chão com compartimentos de marmores de côres; todavia não se podem comparar a elegante, rica e primorosa decoraçào das tres salas que formam a livraria da Universidade de Coimbra, attrahindo a vista das pessoas para admirar e recrearem-se na contemplação de tão agradável conjuncto, causando-lhes uma bem merecida fama.

É sem duvida a melhor casa de bibliotheca que possuiue Portugal, como se poderá julgar examinando a photographia que sae com o presente numero do Boletim, a qual mostra pela sua perspectiva a agradável distribuição d'este recinto que tão habilmente delineou o insigne architecto que dirigiu tão estu-penda obra.

O seu feliz pensamento de dividir em tres corpos a área do espaço para este edificio, foi na verdade uma inspiração de artista consummado em realisar um soberbo effeito sabiamente calculado;

porque, se tivesse destinado todo o espaço para uma unica sala, como geralmente se costuma adoptar, mesmo applicando-lhe o melhor gosto e riqueza na sua decoraçào, ter-lhe-hia diminuido á vista a sua grandeza real, não produziria no espectador novidade nem superior satisfação contemplando o aspecto d'essa livraria, na qual não poderia repousar a sua vista nos momentos em que o seu espirito precisasse de um momento de descanso nos intervallos de suas aturadas investigações ou em leituras instructivas, como experimenta e gosa agradavelmente quem frequenta a bellissima bibliotheca da Universidade.

A distribuição na fôrma das tres salas quadradas que se communicam por duas esbeltas arcadas, cujas archivoltas descansam sobre impostas com frisos, sustentados por misulas ornamentadas, evitou a monotonia de apresentar uma extensa parede em roda da casa da livraria, tendo conseguido o architecto, com esta subdivisão do espaço, dar a apparencia de maior pé direito a essas salas ornadas de elegantes e custosas estantes nas quatro faces de cada uma d'ellas, e por este modo alcançou um agradável effeito optico, gosando-se atravez das aberturas d'essas arcadas a acertada decoraçào architectonica que faz destacar o bellissimo retabulo com esculptura e optima pintura, que no limite da terceira sala apresenta em pé o retrato do regio fundador d'este rico e util repositório intellectual.

Os bem proporcionados corpos que ladeam esses porticos, vieram dar á livraria maior espaço e augmentar-lhe o numero das vistosas estantes para os livros; tambem serviram ao architecto para occultar e collocar, mais proximo para o serviço dos leitores, as escadas de serventia das galerias superiores da bibliotheca, sem ter precisão de roubar nenhum espaço no prolongamento da parede da sala.

As esmeradas pinturas a fresco com tons harmoniosos pelos seus mimosos coloridos com que acompanham composições architectonicas em perspectiva, ornam os tectos, com variedade artistica, e contribuem sobre-maneira para fazer realçar muito mais tão graciosa decoraçào, o que ainda mais se nota pelo contraste do marchetado polido das madeiras do solho, e do ébano com embutidos de primoroso trabalho das mezas para a leitura. Mas para que se não julgue que somos exagerados na apreciação de tão magestoso e aprimorado edificio nacional, transcreveremos a auctorizada opinião de um muito illustrado estrangeiro, pessoa competentissima em materia de Bellas-Artes, o conde de Racinski, o qual declara na sua obra — LES ARTS EN PORTUGAL — que — *La bibliothéque de l'Université est la plus belle, la plus richement ornée que j'ai jamais visité.*

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

A nossa associação approvou a proposta para se offerecer a collecção dos Boletins de Architectura e Archeologia ás camaras municipaes que tivessem fundado bibliothecas populares. Foram portanto conforme a relação obtida da Direcção da Instrucção Publica, remetidas ás seguintes municipalidades:

Lisboa, Belem, Elvas, Odemira, Louzã, Funchal, Montemor-o-Novo, Montemor-o-Velho, Castello Branco, Santarem, Cantanhede, Condeixa, Extremoz, Villa Viçosa, Aldeia-Gallega, Chamusca, Thomar, Torres Novas, Lamego, Vizeu, Angra, Idanha a Nova, Aveiro.

As municipalidades agradeceram á associação, e mesmo algumas enviaram copias das actas da sessão em que receberam as collecções; assim como mandaram officios agradecendo ao auctor da proposta este donativo.

O numero dos Boletins foi de 468; photographias 336; estampas 246, no valor de 936\$000 réis segundo o preço estabelecido.

O ex.^{mo} Ministro dos Negocios do Reino dignou-se responder ao officio em que a associação lhe participava a deliberação que havia tomado, rogando a s. ex.^a tivesse a bondade de determinar a remessa das collecções para as respectivas comarcas do reino.

Copia do referido officio:

Ministerio do Reino — Direcção Geral de Instrucção Publica — 1.^a Repartição — Livro 13 n.^o 313 — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Deu entrada n'este ministerio o officio de v. ex.^a, de 23 de novembro ultimo, e com elle 458 numeros do Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes para serem distribuidos pelas camaras municipaes que fundaram bibliothecas populares constantes da nota que acompanhava o mesmo officio.

Os referidos numeros do Boletim foram já remetidos ás mencionadas camaras, em harmonia com o voto unanime da assembléa de 30 de outubro, que approvou a proposta de v. ex.^a, como consta do suscitado officio. E ordena o ex.^{mo} ministro dos negocios do reino que a v. ex.^a sejam dados os merecidos louvores pela proposta que apresentou á Real Associação, a que tão dignamente preside e á qual tem prestado serviços tão relevantes; e eguaes louvores á mesma Real Associação pelo voto, em que, accedendo á iniciativa do seu presidente, patenteou o alto interesse em que ella tem o desenvolvimento da instrucção nacional. Deus Guarde a v. ex.^a Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 1 de fevereiro de 1884 — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente e fundador da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — Antonio Maria de Amorim.

Foi-nos offerecida pelo nosso digno consocio o sr. visconde de Castilho, a sua curiosa obra *Lisboa Antiga*, sendo a dedicatória feita á Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes na pessoa do seu presidente Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Na proximidade da villa de Redondo, herdade do Zambujeiro, que fica a dois kilometros de distancia, foi achada uma tampa concava de barro, tendo de diametro 0,21 centimetros e de fundo 0,8, com uma pega circular do diametro de 0,6. Este objecto é da epocha romana, e servia para tapar as urnas cinerarias, tambem de barro, em que se usavam estas

tampas, que tinham a fórma de boião, mas com maior bôjo. Tambem foi achado nas areias da ribeira de Peramanca, proximidades de Evora, um pedaço da parte superior de uma lamina de punhal de sílex; pertence á epocha prehistorica. Estes dois objectos archeologicos foram offerecidos pelo nosso generoso consocio o sr. Caetano Xavier d'Almeida Camara Manoel, que já por mais vezes tem bisarramente contribuido para enriquecer as collecções do nosso museu.

O afamado epigraphista hespanhol o sr. D. Rodrigo Amador de los Rios acaba de publicar mais uma excellente obra acerca dos monumentos epigraphicos do seu paiz, a qual tem o titulo: *Inscrições Arabicas de Hespanha e Portugal*, de muito subido interesse scientifico, em que mais de uma vez revela os recursos de sua profunda intelligencia e saber. Um exemplar in 4.^o 316 paginas, illustrado com grande copia d'essas inscrições e sua correcta decifração, foi offerecido por este digno consocio á nossa associação.

O Presidente da Republica de França assignou o Decreto da eleição do nosso prezado presidente o sr. Possidonio da Silva para membro do Instituto de França, no dia 8 do mez de Fevereiro, confirmando a eleição que teve lugar em 3 de novembro ultimo.

NOTICIARIO

Das linhas telegraphicas subterraneas em Paris já estão construidos 4:216 kilometros, faltando ainda 3:080 para completar a communicacão em toda a cidade.

Na cidade de Lyon (França) descobriu-se uma inscrição funeraria da era de 553, pertencente a *Sacardos*, arcebispo do reinado de Childebert.

Foram achados proximo de Bédarioux (França) os vestigios bem conservados de um estabelecimento thermal, construido nos primeiros annos da occupação romana. Todos os archeologos da localidade de Lamalon-le-Hant ficaram alvoroçados com tão importante descobrimento archeologico.

Já ha caminhos de ferro electricos estabelecidos em Allemanha, Irlanda, Hollanda, Austria, Inglaterra, Italia e aos Estados Unidos.

Mr. Fernando Lesseps recebeu do Schah da Persia a Grã-Cruz da Ordem Imperial de Leão e do Sol.

Uma das companhias dos caminhos de ferro de França vae empregar mulheres para servirem de chefes nas estações!

Na America conseguiram fabricar com palha um producto para supprir a madeira, o qual se apparella de todos os feitios e pode-se polir; além d'isso, com elle se fazem taboas tão largas como for preciso, tendo tambem a particularidade de ser menos combustivel, e offerecer a mesma resistencia da madeira natural.

Transportou-se em Boston um edificio de uma hospedaria sem necessidade de o desmanchar, o qual

era construido de cantaria e tijolo com sete andares e duas fachadas, sendo composto o andar terreo com oito columnas de granito de 3 metros e 63 centimetros de altura. Para este transporte prepararam uma base artificial de pedra e tijolo, e foi primeiro estroncada solidamente toda a construcção do edificio; serviram-se de rôlos sobre rails de ferro, e sendo puchado por 50 cabrestantes o edificio inteiro para a distancia de 4 metros e 35 centimetros. Durou oito horas este trabalho!

Os estudos architectonicos tiveram no final do XIX seculo um prestigio maior que nos seculos anteriores, visto que uma encantadora dama Laura White, natural dos Estados Unidos d'America, matriculou-se, no principio d'este anno, na acreditada escola central d'architectura em Paris, da qual é director o insigne architecto mr. Trelad, socio honorario da nossa Associação, e do Instituto Real dos Architectos Britannicos. Portanto é de esperar que o bello sexo venha abrilhantar a nobre arte, não só com os

seus attractivos, mas igualmente com obras de architectura; a sua imaginação, fecunda em sedutoras combinações, alcançará celebridade tambem pelos seus sublimes dotes de apurado gosto, sentimentos elevados e esmerado empenho de sempre se distinguir em tudo que empheende com amor e decidida vontade.

O Congresso dos Architectos Civis que se reuniu este mez em Nice esteve muito concorrido. Alli se ventilaram questões de grande alcance para a architectura. Dez mil convites se expediram aos architectos de todas as nações; a nossa associação e o seu presidente adheriram como subscriptores; o sr. Possidonio da Silva apresentou um quesito que foi accéite.

O insigne architecto mr. Carlos Granier presidiu ás sessões e ao banquete, no qual fez um *speech*, que foi muito applaudido, como sempre merece este celebre architecto, quando toma parte nos congressos para o progredimento da nossa nobre arte.

NECROLOGIA

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

Quando do mundo desaparece uma intelligencia não vulgar, todas as pessoas que sabem prezar o saber humano deploram esse triste acontecimento. Nas nações mais cultas, nas quaes os homens mais distinctos nas letras, sciencias e bellas-artes são dizimados da sociedade pela lei fatal da morte, lamenta-se com sentido pezar estas sensiveis perdas; porém, esses paizes pela sua superior civilização facilmente supprem por outro insigne cultor, a vaga que se havia produzido. Mas, quando infelizmente esse nefasto successo acontece em uma nação onde não avultam os sabios, e principalmente fére a existencia d'um insigne archeologo, muito maior será a consternação. É o que temos a referir com sincero sentimento pelo obito do nosso estimado consocio o sr. dr. Augusto Filippe Simões, cuja existencia teve termo no mez de fevereiro ultimo.

Os seus proficuos estudos, auxiliados por um talento superior, lhe fizeram obter o ser doutorado em duas faculdades e reger a cadeira de medicina na Universidade de Coimbra. Pelas suas publicações em differentes materias se manifestaram os subidos dotes de sua intelligencia, alcançando os encomios dos entendidos; porém entre essas publicações sobresaie uma notavel obra, que produziu extraordinaria admiração, tendo por titulo: — *Reliquias da Architectura Romano-Bysantina na cidade de Coimbra*.

A apreciação do estylo d'esta architectura, conforme ella foi introduzida em Portugal, essa analyse feita com tão singular criterio, demonstrando como está assignalada nas quatro antigas egrejas que possui Coimbra, mereceram os maiores elogios dos professores da arte, sendo, portanto, um trabalho de bastante instrucção. Que, nas materias da sua scientifica profissão, o sr. dr. Filippe Simões dêsse á luz obras de incontestavel merecimento, não seria surpresa alguma; porém o que admira é haver tratado com tão grande penetração d'espírito um assumpto tão pouco familiar com os seus estudos, no qual patenteava, mais uma vez, a sua superior intelligencia, revelando quanto o seu talento era profundo, e as suas faculdades intellectuaes dotadas de um vasto sentimento artistico, que lhe suppria os especiaes estudos d'esta materia. Mesmo poucos architectos empheenderam trabalho d'esta ordem, afim de descreverem com cabal conhecimento as alterações tão repetidas que se notam nos edificios construidos desde o VI seculo, em que a architectura Bysantina floresceu definitivamente em Constantinopla, tendo depois penetrado até á Africa, e do lado opposto ao extremo occidente da Peninsula Iberica; modificando se por tal maneira, que fez pensar por muito tempo, pertenceria a diversos estylos. Não obstante ser esta tarefa difficilima, todavia venceu-a o nosso insigne consocio com magistral comprehensão!

Esta importantissima publicação maravilhou-me sobremaneira, e se já muito antes tinha manifestado a este distincto auctor a minha sympathia e estima, constituiu-me ella um dos seus maiores admiradores: pois julguei do meu dever, não só como portuguez, mas tambem como architecto, e principalmente como fundador da Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, propôr que se conferisse a este insigne consocio uma medalha, a qual foi unanimemente approvada por aclamação, tendo sido o dr. Filippe Simões o primeiro socio laureado pela mão do nosso Augusto Presidente Perpetuo e Protector S. M. El-rei o Senhor D. Fernando.

Por esta occasião manifestou-me o premiado a sua satisfação e ao mesmo tempo disse que a medalha conferida, tendo em relevo — o TEMPLO DE DIANA — lhe recordava os esforços que fizera no tempo da sua residencia em Evora, para que este monumento romano ficasse desobstruido das construcções com que lhe haviam mascarado a magestosa perspectiva. Foi na verdade este cavalheiro quem mais contribuiu com o seu reconhecido zelo para a conservação dos monumentos nacionaes, depois da visita que El-rei o Senhor D. Pedro v, de tão saudosa memoria, fizera áquella cidade, quando este illustrado Principe ordenou que fosse removido o matadouro, que tanto aviltava este antigo edificio, afim de restituir-lhe o seu magestoso aspecto. Temos certamente como outro importante serviço que este illustrado socio prestou ao seu paiz e á architectura, o influir para que o presidente da camara de Evora, em uma circular, consultasse as pessoas de maior competencia para lhe indicarem o modo mais conveniente de se fazer aquella restauração.

No anno de 1875 foi o sr. dr. Filippe Simões encarregado pelo Governo de ir representar, com outro collega, no Congresso de Leyde a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; e sabendo que eu tinha relações com alguns sabios hollandezes, desejou que lhe desse cartas de apresentação junto d'elles, os quaes o obsequiaram o melhor possivel, e principalmente o meu distincto amigo Mr. Hooft Iddekinge, o qual, tendo sidó designado pelos sabios neerlandezes para saudar na sessão de inauguração d'aquelle Congresso a presença dos dois facultativos portuguezes, me relatou esse facto na sua carta do mez de março d'aquelle anno, por esta fórma: *«J'ai eu le plaisir de me voir désigné parmi tant d'autres plus âgés et plus hauts en place que moi, à souhaiter officiellement la bienvenue à vos compatriotes, lorsqu'ils sont venus célébrer avec nous cette journée mémorable du 8 Février. En presence de tous nos princes royaux et des délégués de la science de toute l'Europe, j'ai relevé quelques points de l'histoire communs aux deux nations, à votre patrie comme à la mienne. J'avais pensé à le faire tant bien que mal en portugais, mais la crainte de n'être compris par les autres personnes présentes, me fit parler en français. Je terminai en tout cas par quelques mots en portugais en honneur de votre nation, de son souverain et de son illustre Université de Coimbra. C'est une journée, un moment que je n'oublierai jamais.»*

O nosso chorado consocio ficou muito penhorado pelos obsequios que recebera d'este cavalheiro assim como do professor dr. Leemen, ao qual egualmente o havia recommendado.

Uma outra obra publicada em 1878 sobre a archeologia da Peninsula Iberica, e denominada — ANTIGUIDADES PREHISTORICAS — veiu ainda comprovar quanto era fecunda a sua intelligencia, havendo tratado de uma maneira tão desenvolvida um assumpto que apresentava ainda alguns pontos controversos para se definir com a maxima clareza o conhecimento d'esses remotos vestigios dos primitivos constructores dos monumentos megalithicos; posto que outro distincto socio o sr. dr. Antonio Pereira da Costa tivesse já muito antes publicado uma obra de reconhecido interesse archeologico, a primeira que sobre esta materia se deu á luz no nosso paiz; assim como tinha publicado outra em Hespanha o sr. D. Manuel Góngora, ainda que se limitasse a descrever os curiosos vestigios prehistoricos de uma das principaes provincias d'aquella nação, onde existem em maior numero e com fórmas bem assignaladas essas primitivas construcções. Estes elementos serviram para a obra do dr. Filippe Simões ser mais importante, porque pôde comparar a differença que se nota no modo d'essas construcções: portanto foi uma publicação do mais subido interesse scientifico, digna de merecer ao seu douto auctor a consideração com que a acolheram os archeologos estrangeiros.

Sendo tão raras em Portugal obras d'esta especialidade, muito maior valor tinha esta publicação do nosso consocio, para que a sua memoria seja conservada com a veneração que merece o seu saber, pela instrucção que elle fornece aos estudiosos, e pelo nobre exemplo de um tão dedicado cultor da sciencia, para o desenvolvimento dos conhecimentos archeologicos em Portugal.

Ocupando-nos unicamente das obras que teem relação com o intuito dos trabalhos da nossa Associação, não citamos as outras publicações de merecimento sobre diversos assumptos, nas quaes obtiveram tambem celebridade as do sr. dr. Filippe Simões; porque, seria mais que sufficiente ter sido o nosso chorado consocio o auctor das duas obras citadas de architectura e archeologia para se aquilatar a sua superior intelligencia, e ficar reputado um dos mais illustrados talentos da nossa terra, bem como um dos principaes ornamentos intellectuaes da nossa Associação, pelo que nos devemos ufanar de se ter filiado n'ella desde o começo da sua fundação.

Deploramos a perda de tão prestante consocio. Se o destino nos arrebatou um ente estimado pelo seu nobre character e superiores qualidades, teremos por consolação, que o seu nome será sempre lembrado por nós com o respeito que merece o seu saber e a sua reputação.

J. P. N. DA SILVA.